

Leituras da Trama verde e azul pela percepção da paisagem do Distrito do Campeche – Ilha de Santa Catarina

Green and blue network readings by the perception of the landscape in the Campeche District - Santa Catarina Island

Bibiana Beretta, Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, UFSC

arqbibianaberetta@gmail.com

Soraya Nór, Professora orientadora, do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo UFSC.

soraya.nor@ufsc.br

Resumo

Este artigo apresenta uma pesquisa sobre a percepção da paisagem e as relações cognitivas entre cidade-natureza, envolvidas na configuração do espaço urbano, sendo escolhido como recorte de estudo o Distrito do Campeche, na Ilha de Santa Catarina. O estudo parte do conceito da *trama verde e azul*, estratégia francesa de planejamento urbano sustentável, que visa integrar a dimensão ambiental e cultural da paisagem. Os modos de perceber a *trama verde e azul* do Campeche são investigados por meio de uma metodologia de mapeamento das vivências coletivas na área de estudo. Os resultados apontam para possibilidades de registrar e perceber a complexa diversidade de relações existentes nas transições entre limites urbanos e naturais, a serem consideradas nos processos de planejamentos urbanos sustentáveis.

Palavras-chave: Percepção da paisagem; Planejamento urbano sustentável; Trama verde e azul.

Abstract

This article presents a research about the perception of landscape and cognitive relations between city-nature, involved in the urban space configuration, being chosen as a study clipping the District of Campeche, in the Island of Santa Catarina. The study starts with the concept of the green and blue network, a french strategy for sustainable urban planning, which aims to integrate the environmental and cultural dimension of the landscape. The ways of perceiving the green and blue network of Campeche are investigated through a mapping methodology of collective experiences in the study area. The results point to possibilities of recording and understanding the complex diversity of existing relationships in the transitions between urban and natural boundaries, to be considered in the processes of sustainable urban planning.

Keywords: *Perception of landscape; Sustainable urban planning; Green and blue network.*

1. Introdução

O tema desse estudo é a relação entre cidade e natureza. Uma questão cada vez mais presente no campo daqueles que estudam e planejam a cidade. Diante da crise ambiental contemporânea e, ao mesmo tempo, de uma crescente urbanização mundial, muitas são as correntes e os olhares para essa relação, debatida geralmente de forma polêmica e em vertentes opostas. Neste contexto, para refletir sobre as possíveis integrações entre cidade-natureza, a presente pesquisa parte de uma metodologia de planejamento urbano e regional chamada trama verde e azul.

O conceito de trama verde e azul é de origem francesa (*trame verte et blue*), sendo ainda pouco conhecido no Brasil. Em síntese, a proposta da trama é entrelaçar as áreas vegetadas (verde) e as áreas hídricas (azul) às áreas urbanas, compondo um único ambiente de interligações. Esta nova estratégia de planejamento urbano visa garantir a biodiversidade através de articulados e contínuos corredores ecológicos que permeiam extensões urbanas e periurbanas, conectando seus aspectos socioculturais aos interesses ecológicos e ambientais (NÓR, 2017). Como o próprio nome diz, essas áreas verdes e azuis estariam emaranhadas e conectadas ao espaço da cidade, constituindo, assim, uma única trama.

Como espaço físico de discussão, adota-se o Distrito do Campeche, pertencente ao município de Florianópolis, estado de Santa Catarina, onde o crescimento urbano acelerado opõe-se às singulares presenças da natureza. Em síntese, o intuito da pesquisa no local consiste em reconhecer a configuração da sua trama verde e azul através da investigação das percepções e relações cognitivas que envolvem cidade-natureza.

Acredita-se que a identificação do modo como a natureza e a cidade são percebidas pelos habitantes do Campeche seja fundamental para a configuração da trama verde e azul, já que pode ser um interessante meio de revelar as visibilidades e invisibilidades da natureza no seu espaço urbano. As existentes oposições e as possíveis integrações entre cidade-natureza. Dessa forma, as percepções podem revelar as relações essenciais, ou a falta delas, para o sustento do seu ambiente como uma totalidade.

Por um entendimento do perceber como um experienciar, a pesquisa expande a investigação ao coletivo, mais especificamente às experiências coletivas que envolvem a cidade e a natureza do Campeche. Para tanto, o mapeamento coletivo das experiências daqueles que habitam o lugar torna-se uma forma não só de reflexão sobre a trama verde e azul e sua conceituação. Mas também, como uma forma de configurar essa trama como estratégia de planejamento e produção de espaços urbanos mais qualificados a diferentes formas de vida, visando a permanência essencial de seus verdes e azuis.

Assim, busca-se apresentar nesse artigo uma análise do mapeamento da percepção, focada nos aspectos da vegetação, da água e da cultura. De maneira geral, propõem-se refletir sobre a incorporação da natureza na ideia de planejamento urbano. Reforçada pela noção de trama, aposta-se nas diversas relações entre cidade-natureza-vida-cultura como um caminho para a sustentabilidade do ambiente, ou ainda, das próprias relações. A partir disso, pretende-se apresentar uma possível forma de desenhar a trama da área de estudo, como contribuição ao processo de planejamento.



2. A trama verde e azul

O modelo da trama verde e azul é relativamente recente, pouco estudado e difundido em âmbito nacional. Como uma estratégia de planejamento territorial, o conceito surgiu na França com o intuito de garantir a conservação da biodiversidade. Com a rápida expansão urbana francesa e o surgimento de uma forte rede de transportes com foco rodoviário, atitudes isoladas foram adotadas. Pequenas passagens para a fauna, leis de proteção ambiental e criação de parques foram importantes alternativas. Entretanto, sem suficiência para alcançar mudanças efetivas visíveis, o Estado decidiu intervir e constituir, oficialmente, um projeto de redes ecológicas. Surge, então, o projeto da trama verde e azul que pretende servir como ferramenta e método para “a conservação da biodiversidade e luta contra a fragmentação do território (CARSIGNOL, 2012, p. 76).

Na França, a trama já apresenta solidez em termos legais e institucionais, com comitês específicos e legislação própria para garantir sua integração aos planos urbanos. Vem sendo desenvolvida a partir de projetos-pilotos que visam aprimorar o método, em maior escala no país e na Europa. A estruturação da trama é um método baseado na identificação dos grandes reservatórios de biodiversidade, áreas de vegetação (verde) e de água (azul), que devem ser interligados por corredores responsáveis pela continuidade ecológica. Assim, a circulação das espécies é garantida e a redução da fragmentação dos habitats é evitada. A noção de trama é ampliada a todas possíveis classificações, nas suas diferentes características e funções, interligando e partilhando um só espaço.

A metodologia compreende, portanto, as “zonas nodais de biodiversidade”, como áreas de proteção ambiental e “espaços reconhecidos como fundamentais para a biodiversidade”, continuidades relevantes denominadas como subtramas e corredores ecológicos que permitam conectar essas áreas (CARSIGNOL, 2012, p. 81). A soma dessas identificações origina a trama verde e azul.

Assim, a esquematização de uma trama verde e azul no ambiente urbano reforça um sistema de espaços livres urbanos, aqueles não ocupados por edificações e ao ar livre, essenciais em esferas ambientais e culturais. Correspondendo, portanto, ao maior percentual do solo das cidades brasileiras, mesmo entre as mais populosas: ruas, avenidas, parques, praças, calçadas, rios, matas e praias urbanas, como exemplo (MAGNOLI, 1982). Para Tardin (2008), os espaços livres urbanos estão diretamente relacionados com a forma e estrutura urbana, capazes de ordenar as ocupações e cumprir importantes funções sociais em esfera pública. Na ideia de trama, além dessas funções, esses espaços livres também representam linhas-chaves para proporcionar o movimento contínuo de diferentes espécies entre os reservatórios fragmentados pela cidade, sendo protagonistas dessas conexões.

Os corredores de ligação, por sua vez, são elementos-chaves de costura dos habitats naturais com o ambiente urbano, aquele que hoje é o maior responsável pela fragmentação, formando um único tecido. É nesse sentido que representa uma ferramenta a ser aplicada tanto em áreas de menor adensamento populacional, respectivas às áreas rurais, como em áreas de maior adensamento populacional, respectivas às áreas urbanas.

É fundamental, portanto, a relação dos esquemas da trama verde e azul com os projetos de desenvolvimento urbano. Para tanto, a pesquisa é fundamentada nas relações entre cidade-natureza, buscando perceber condições de soma que potencializem a trama no que diz respeito à integração da dimensão natural e social do espaço.

É importante esclarecer que a pesquisa parte de um entendimento da dimensão natural como aquelas interações referentes aos elementos biofísicos da paisagem, como a vegetação, a água e a terra (TARDIN, 2008). Sobre a dimensão social, parte-se do entendimento das interações entre indivíduos dentro de uma sociedade, “relacionados com o modo de vida de uma comunidade e seus valores” (TARDIN, 2010, p. 06).

3. Metodologia de leitura: mapeamento coletivo

A trama verde e azul do Campeche já existe. Entendê-la como estratégia, entretanto, é entender suas atuais vulnerabilidades e capacidades de ampliar e sustentar relações (natureza-cidade-seres vivos). Configurar a trama verde e azul do Campeche, portanto, é identificar a trama de relações entre natureza-cidade-seres vivos percebida (experienciada-visível) e não percebida (não experienciada-não visível). Por esse motivo, investiga-se a trama verde e azul não somente pelo mapeamento da vegetação (verde) e hidrografia (azul), mas pelo mapeamento das relações existentes, sob um ponto de vista humano e, inevitavelmente, tão cultural e simbólico quanto prático. Dessa forma, busca-se identificar maiores e menores convergências entre espaços verdes, azuis e urbanos, a fim de analisar principais fragmentações e conexões para uma trama verde e azul, como estratégia de leitura do espaço.

Para esse objetivo, optou-se por realizar uma pesquisa qualitativa a partir de um mapeamento coletivo das experiências de natureza no espaço urbano do Campeche. Para entender os significados de cidade-natureza não somente pelas percepções individuais da pesquisadora, buscou-se ampliar por meio de um método de registro coletivo, visando outros modos de perceber o Campeche.

O mapeamento foi realizado por ateliês presenciais a fim de provocar o relato e o registro das experiências dos participantes, por uma dinâmica baseada em processos de conversação que buscam engajar diálogos de forma colaborativa (ARES, RISLER, 2013). O processo metodológico abrangeu a etapa de coleta de dados, com a produção de um mapa desenhado pelos registros dos próprios participantes e a etapa de análise, incluindo a produção de croquis e mapas resultantes da análise técnica, após as oficinas.

Os relatos da oficina foram extensos e de grande volume. A transcrição desses dados começou durante o próprio processo de mapeamento. O registro dos outros participantes durante a fala de um narrador, através das anotações e adesivagens no mapa, foi considerado uma forma de condensar e codificar os dados, preparando-os para uma categorização de acordo com os aspectos mais relevantes para a pesquisa: vegetação, água e cultura (Figura 1).



Figura 1: Mapa coletivo desenhado pelos participantes. Fonte: foto dos autores.

Como exemplos de dispositivo de suporte, destacam-se os ícones de identificação desenhados a partir da síntese da problemática de pesquisa, destacando questões relativas a: bem-estar, mal-estar, abundância, escassez, falta de relação, degradação e pressão da urbanização. O uso das ferramentas gráficas foi determinante para a dinâmica de mapeamento e para a elaboração dos mapas de síntese, durante a etapa de análise (Figura 2).

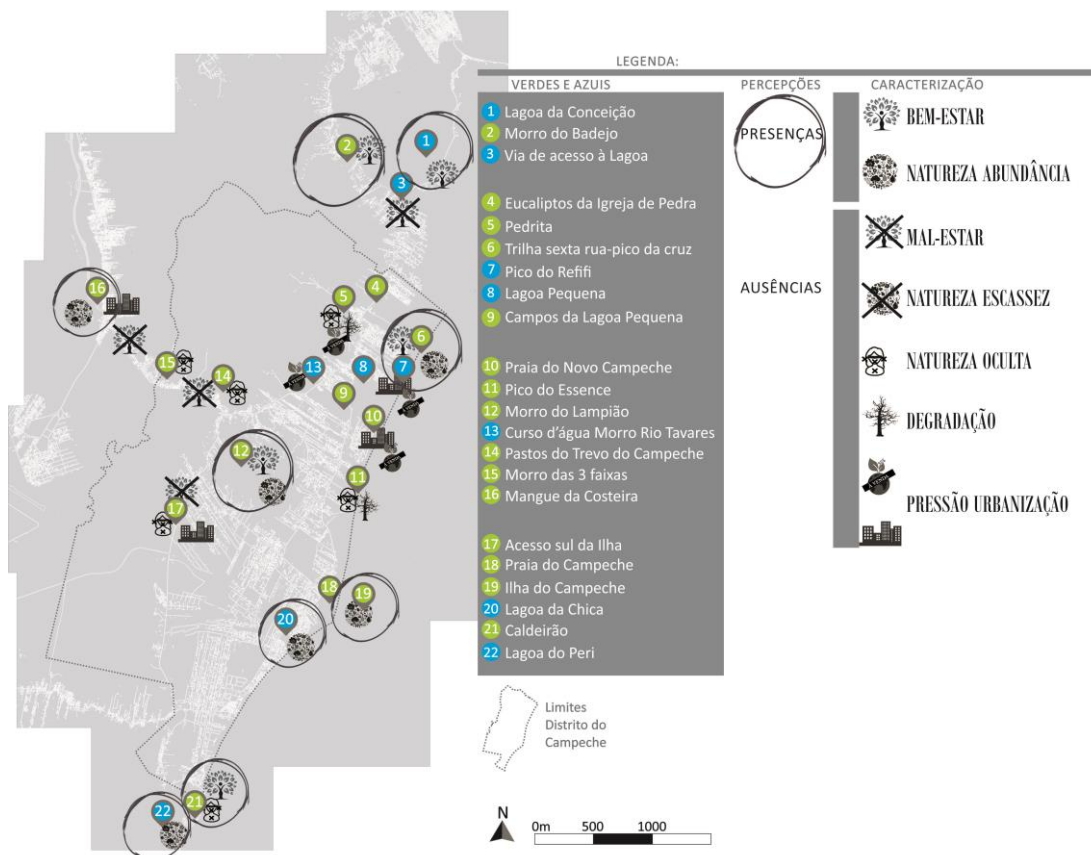


Figura 2: Síntese dos mapas coletivos. Fonte: elaborado pelos autores.

A partir da metodologia adotada e organizada a partir dos estudos de Dey (1993), portanto, passou-se a interpretar a problemática no intuito de contribuir para a identificação da trama verde e azul do local. Destaca-se neste artigo as evidências em relação aos modos de percepção, interpretados através da apreensão dos dados.

4. Os modos de percepção da *trama verde e azul* do Campeche

Ao final do processo de mapeamento e de sua análise, constatou-se que as citações de palavras, por meio da fala ou escrita, não definia por si os espaços narrados. Pela lógica fundamentada na pesquisa, a linguagem não foi tomada como instrumento único para a criação de significados universais, mas como decorrência de um domínio social de interações. Assim, foi fundamental analisar essas representações semânticas a partir das ações envolvidas nas experiências narradas. Essa análise foi considerada um estudo dos modos de percepção que originaram percepções de ausências e presenças.

Cabe ressaltar que essa análise levou em consideração a ideia de percepção direta, onde a percepção implica necessariamente uma ação (GIBSON, 1986). Ou seja, buscou-se encontrar descrições de ações que revelavam modos de estar na natureza do Campeche. Assim, devido às intenções da pesquisa, o foco foi destacar possíveis ações que geram, ou não, engajamentos com a natureza.

Ao acompanhar essas espacialidades, ou seja, essas linhas de movimentos do corpo no espaço, foi possível então demarcar os trajetos que envolviam essas ações. O mapa seguinte reuniu todas essas informações, referentes à espacialidade das narrativas, e destacou importantes evidências referentes às relações sociais (Figura 3):

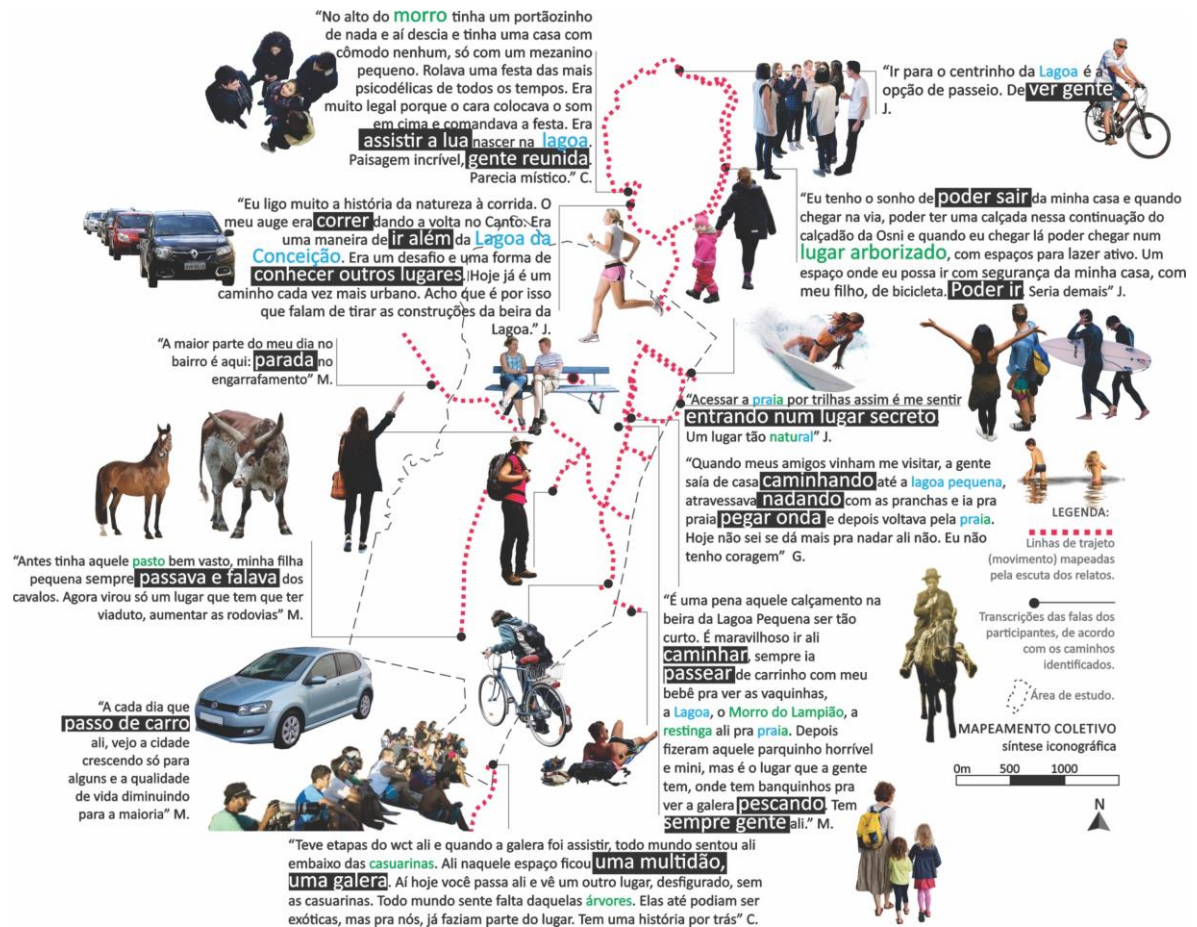


Figura 3: Mapa das socialidades. Fonte: elaborado pelos autores.

Esse mapa síntese das narrativas e seus trajetos elucidou importantes aspectos que comprovaram a existência de uma paisagem cultural intrínseca a uma paisagem natural. As palavras destacadas revelaram a percepção dos lugares de natureza a partir de ações que necessariamente desencadeavam movimentos. O conhecimento dos lugares estava associado aos fazeres: “conhecer é fazer” (MATURANA E VARELA, 2007, p.270). E essa liberdade de movimento estava muito presente nas falas, representando denúncias e desejos. Alguns trechos “poder sair da minha casa e chegar na via”, “poder ir seria demais”, “ir além da lagoa”, “conhecer outros lugares” e “entrando num lugar secreto” demonstraram essas necessidades.

Por outro lado, frases que descreviam percepções por ações vinculadas ao “andar de carro” denunciavam a falta dessa liberdade de movimento: “a maior parte do meu dia é aqui: parada no engarrafamento”. Assim como também denunciavam lugares escondidos, privados e pouco reconhecidos, como demonstra a nomenclatura usada para nomear uma parte do Maciço da Costeira: “morro das três faixas”. A expressão “três faixas” refere-se à via arterial reversível da Rodovia SC 405, onde se concentram as maiores circulações e engarrafamentos de veículos. A mesma denúncia, dessa falta de relação vinculada a um processo de privatização, pode ser notada no seguinte trecho: “A cada dia que passo de carro ali, vejo a cidade crescendo só para alguns e a qualidade de vida diminuindo para muitos”.

Além desses aspectos, foi interessante observar que a relação positiva e amorosa com esses verdes e azuis, também estava associada a encontros com outras pessoas e seres. Expressões destacadas no mapa como: “gente reunida”, “ver gente”, “sempre gente”, “multidão”, “galera” e “amigos” estavam presentes nas descrições dessas experiências com a natureza. A presença de outras pessoas, assim como de outros seres, significava associações positivas com os lugares. Observações como “ver os cavalos”, “ver as vaquinhas”, “pescar”, “assistir a lua”, “nadar na lagoa”, “fazer a trilha” e “correr contornando a lagoa”, por exemplo, demonstraram a importância dessas relações sociais que enfatizam, obviamente, fortes relações entre seres humanos, mas que também vão além destas mesmas. A lua, o cavalo, a vaca, a árvore, a lagoa e o peixe são só alguns exemplos de outras relações vitais, fundamentando-se na insistência de Ingold (2015) sobre um entendimento ampliado de vida.

Talvez, na lógica de Tsing (2013), esses aspectos culturais do mapeamento coletivo possam ser descritos como aspectos de socialidades. Para Tsing (2013, p. 28), o social pertence a “duas culturas (humanidades e ciências naturais)”, não havendo distinção “entre humano e não-humano”. O conceito de socialidade define uma “socialidade mais-que-humana”. Ressaltada nas narrativas coletivas e definidora de uma configuração espacial tramada aos verdes e azuis.

5. Considerações finais

Em primeiro lugar, concluiu-se que os lugares relatados como experiências de natureza são sempre aqueles associados a ações: correr, caminhar, passear, pescar, surfar, etc. Ou seja, todo modo de percepção é também um modo de engajamento. Portanto, o significado de natureza está na relação. Estar envolvido é estar atento. Dessa forma, os relatos sobre a natureza no Campeche são baseados em experiências com natureza, abrangendo diferentes temporalidades.

Em segundo lugar, observou-se que as atuais percepções de presença da natureza, ou seja, os atuais modos de vivenciar a natureza, fazem referência a um movimento de destino às bordas da cidade. Em outras palavras, concluiu-se que as principais convergências entre cidade-natureza são percebidas e vivenciadas nas transições entre espaços urbanizados e não-urbanizados. Mais especificamente, nas bordas ocupadas por espaços públicos.

Da forma como a cidade se apresenta atualmente, é na sua exterioridade que se permite maiores possibilidades de engajamento com outras formas de vida. Esses espaços de maior espontaneidade são buscados pelas pessoas como uma necessidade de encontro. Um encontro com pessoas, com animais, com verdes e azuis ou consigo. São nesses espaços onde se praticam diferentes atividades de engajamento com o que se percebe como natureza.

Até mesmo porque, e em terceiro lugar, observou-se que os lugares de natureza parecem ser percebidos pelos lugares de cidade. Considerando a ideia fundamental de movimento como princípio para a percepção, notou-se que são certas experiências urbanas que trazem as maiores presenças de natureza na vida das pessoas. Elas não percebem natureza na cidade, mas percebem através da cidade. Todo trajeto humano parte, passa e permeia o espaço urbano, decorrente de uma forma de vida humana. As práticas das atividades de engajamentos com outras diversidades exigem ordenações no território e planejamento de infraestruturas específicas. Correr, caminhar, passear, surfar, pescar e tantas outras possibilidades necessitam de suportes urbanos, especificamente de espaços livres públicos. Esse fato ficou evidente nos relatos do mapeamento, principalmente, nos anseios em

condições melhores na cidade para possibilitar o acesso e a liberdade de movimento mais próximos a esses espaços.

A cidade precisa acolher esses encontros, contribuir para o preservar do morar humano, mas também para o preservar de outras formas de viver e habitar. Cidades precisam preservar moradias (concentrações) humanas, mas também precisam preservar encontros com a diversidade (humana e além-do-humano). Essa seria uma forma de sustentar a própria cidade e o ambiente como um todo. Esse modo de percepção revela os espaços de borda como grandes potenciais de convergências (trama). Mas também ressalta a ausência desses encontros nos interiores do tecido urbano. Conclui-se, portanto, a necessidade de tornar esses espaços legítimos e tramados, apontando princípios para novas pesquisas. A cidade pode e deve ser permeada por mais espaços de transição. Por um sistema de espaços acolhedores a todas as formas de vida (humana e não-humana). Para sustentar essa paisagem, portanto, é preciso sustentar a abertura dos espaços, é preciso sustentar o devir das relações e o devir da paisagem que é construída pelos ritmos temporais das experiências. Projetar esses sistemas implica necessariamente na consideração dessa condição de abertura. Como uma esperança presente de experiências futuras, trata-se de resgatar a natureza à experiência. E engajá-la na cidade e no cotidiano de seus habitantes. Trata-se de projetar espaços para perceber tramas.

Referências

- ARES, Pablo; RISLER, Julia. Manual de mapeo colectivo: recursos cartográficos críticos para procesos territoriales de creación colaborativa. Buenos Aires: Tinta Limón, 2013.
- CARSIGNOL, Jean. Des passages à gibier à la Trame Verte et Bleue : 50 ans d'évolution pour atténuer la fragmentation des milieux naturels en France. *Le Naturaliste Canadien*, [s.l.], v. 136, n. 2, p.76-82, 2012. Consortium Erudit. <http://dx.doi.org/10.7202/1009111ar>.
- DEY, Ian. *Qualitative data analysis: A user-friendly guide for social scientists*. London: Routledge, 1993.
- GIBSON, James. *The Ecological Approach to Visual Perception*. Psychology Press: New York, 1986.
- INGOLD, Tim. *Estar vivo: Ensaio sobre movimento, conhecimento e descrição*. Petrópolis: Vozes, 2015. 390 p.
- MAGNOLI, M. M. *Espaços livres e urbanização: Uma introdução a aspectos da paisagem metropolitana*. 1982. Tese (Livre-docência) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1982.
- MATURANA, Humberto R.; VARELA, Francisco J.. *A árvore do conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana*. 6. ed. São Paulo: Palas Athena, 2007. 288 p.
- NÓR, Soraya. *A trama da natureza na paisagem cultural urbana*. No prelo.
- TARDIN, R. *Espaços livres: sistema e projeto territorial*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008.
- TARDIN, R. *Ordenação sistêmica da paisagem*. In: I Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, Rio de Janeiro, 2010.

Disponível em: <<http://www.anparq.org.br/dvdenanparq/simposios/18/18-231-1SP.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2010

TSING, Anna. More-than-Human Sociality. A Call for Critical Description. In: Anthropology and Nature. Org: Kirsten Hastrup. New York: Routledge, 2013.